

Uma investigação acerca da elaboração do luto por sujeitos ateus e religiosos

*An Investigation on the Elaboration of Mourning by
Atheistic and Religious Individuals*

Cássia Angélica Nogueira Barbosa (1)

Mariza Ferreira Leão (2)

[1] Psicóloga graduada pelo Centro Universitário de Patos de Minas. Pós-graduada na área clínica com a abordagem Cognitivo-comportamental, pela UNIASSELVI / Instituto Máximo – Patos de Minas/MG. cassia-psico@hotmail.com

[2] Orientadora do artigo. Psicóloga mestra em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)

Resumo: Este trabalho teve como objetivo investigar o papel que a religião desempenha no processo de construção do luto. Foram entrevistados 13 sujeitos que passaram por uma experiência significativa de perda, entre eles, católicos, evangélicos, espíritas, ateus e agnósticos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa na qual foi utilizado um questionário para caracterizar a população estudada e uma entrevista semiestruturada para a coleta de dados. Os resultados foram analisados com base na análise do conteúdo e apontaram que a religião, mesmo sendo um dos recursos utilizados na elaboração do luto, muitas vezes mostrou-se insuficiente diante da morte. Fatores como a capacidade psíquica do enlutado para elaborar a perda e o tipo de parentesco pareceram ser mais determinantes.

Palavras-chave: Morte; luto; religião.

Abstract: This study aimed to investigate the role religion plays in the process of mourning. We interviewed 13 individuals who have had a significant experience of loss, including Catholics, Protestants, spiritualists, atheists and agnostics. This is a qualitative research in which a questionnaire was used to characterize the population and a semi structured interview was used to collect data. The results were analyzed based on content analysis and pointed out that although religion is a resource used in the preparation of mourning, it is often insufficient in the face of death. Factors such as the psychic ability of the mourner to elaborate mourning as well as the type of relationship seem more decisive.

Keywords: Death; mourning; religion.

1. Introdução

A morte, na contemporaneidade, é considerada um tabu. Ao se deparar com ela, o ser humano tem dificuldade de incluí-la em sua rede de pensamentos e simbolizá-la, o que a torna um evento terrificante. As estratégias usadas em seu enfrentamento são geralmente no sentido de negá-la e afastá-la o máximo possível do cotidiano das pessoas envolvidas. Em uma sociedade regida pela lógica capitalista do consumo e que preconiza a felicidade e o bem-estar constantes, não sobra espaço para a vivência desse evento traumático que representa um golpe profundo na onipotência humana, dificultando, assim, segundo Guarnieri (2001), a criação de um espaço interno para a elaboração dessa perda.

A singularidade do ser humano está em constante e estreita articulação com a cultura na qual o indivíduo se insere. Toda sociedade impõe padrões a serem seguidos, entre eles, o sentido que é dado à morte e aos sentimentos perante uma perda. A religião, em todas as culturas, apresenta-se como um dos campos do conhecimento que faz indagações e fornece algumas repostas para as questões ligadas à finitude do ser humano e o sentido da vida. Mediante isso, torna-se importante investigar o papel que ela desempenha para os indivíduos no momento de enfrentamento do luto.

A morte está sempre presente. Estar vivo é a condição completa para morrer (ASSUMPTÃO, 2007): negar a morte é apenas uma inútil luta contra a realidade de todos, pois segundo o autor, morre-se porque se vive e o tempo da morte não é cedo nem tarde, ele é, simplesmente. A morte faz parte do ciclo da vida. Morte e vida são fenômenos vitais entrelaçados, são duas formas de representar uma existência, e é um desperdício procurar a existência de um fora do outro. Aceitar a morte é aceitar que não há nenhum controle, é um total desprendimento do Eu (NETTO *apud* TAVARES, 2001 e GUARNIERI, 2001).

Investigar o processo por meio do qual as pessoas elaboram a perda é relevante, na medida em que estudos na área demonstram que o luto complicado ou não elaborado pode ter como consequência o desencadeamento de doenças psíquicas e repercussões familiares graves (PARKES, 1998). Dar voz ao enlutado é uma estratégia importante porque são eles os informantes mais qualificados para falar sobre essa experiência tão impactante na vida de todo ser humano.

O presente trabalho buscou investigar os processos envolvidos na elaboração do luto, dando ênfase ao papel que a religião desempenha nessa tarefa psíquica. Tal investigação pode favorecer a ampliação dos conhecimentos sobre os processos de luto e fornecer subsídios para as estratégias terapêuticas de apoio ao enlutado e sua família.

O interesse em investigar sujeitos ateus e religiosos acerca da elaboração do luto surgiu pelos mistérios que circundam a morte e pelo desejo em conhecer os diferentes sentidos de morte e vida aos quais os seres humanos se apegam.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que foca conhecer e comparar os processos envolvidos no luto de pessoas que possuem uma crença religiosa, ou que são ateias ou agnósticas. A influência da religião diante da morte, o papel que exerce na formulação do seu sentido e a identificação dos recursos de enfrentamento dos quais os sujeitos lançam mão, foram também investigados. As entrevistas semiestruturadas propiciaram preservar a subjetividade de cada participante.

2. Fundamentação teórica

Representações da morte ao longo do tempo

Na época medieval, predominava a morte domada e consciente. Havia uma atitude próxima e familiar diante da morte, e o homem sabia quando estava para morrer, nem ele nem sua família negavam sua finitude. Em seus últimos dias de vida, deitava-se no leito e era rodeado de sua família, comunidade e líder religioso. Havia uma cerimônia aberta ao público, as crianças não eram afastadas e presenciavam todo o processo. O moribundo dava assim suas últimas recomendações, despedia-se e esperava calmamente sua morte. Eram respeitadas as manifestações do luto, o tempo necessário para a cicatrização das feridas e elaboração dessa nova situação (ARIÈS, 1977).

No século XIX, dominava a morte romântica, a qual era considerada bela e sublime, uma oportunidade de reencontrar os amados que já se foram. A morte passa a ser uma morte desejada, entretanto uma difícil ruptura com os que ficam. Era o que Ariès denominava de “doçura narcótica”.

No decorrer dos tempos, século XX, segundo o autor previamente mencionado, o homem dá novo sentido à morte: a visão de morte vergonhosa, a morte invertida. À medida que o sexo deixa de ser um tabu, a morte se torna um assunto proibido, despercebida pelos que morrem. A morte já não é mais considerada um fenômeno natural, integrante do viver, mas sim uma derrota. “Ninguém jamais fracassou em morrer; mas em viver...” (SPONVILLE *apud* TAVARES, 2001, p. 25).

O local da morte foi transferido do lar para os hospitais: já não se morre em casa rodeado da família, mas nos hospitais, sozinho. Kovács (1992) coloca que o triunfo da medicalização está em manter a doença e a morte na ignorância e no silêncio. As crianças foram afastadas de tudo que circunda a morte. “As crianças já não nascem em couves, porém, os velhos desaparecem entre as flores” (MARANHÃO, 1985, p. 10). As famílias, agora espectadoras, se afastam do doente e dos cuidados para com ele. O corpo é entregue à funerária, que toma a responsabilidade de prepará-lo para o funeral. As manifestações de dor são reprimidas, guardadas para si, pois a sociedade exige do enlutado um autocontrole de suas emoções. Não é estranho ouvir “não chore, seja forte”; “não fique assim, Deus sabe o que faz”, e diversas outras falas vãs, exigindo do enlutado que não expresse seus reais sentimentos diante dessa perda tão significativa (ARIÈS, 1977). “O sentimento da perda não tem lógica nem regras. Ele existe. Ele machuca. Ele causa dor. E só quem o está vivendo é capaz de compreender a sua extensão” (ASSUMPÇÃO, 2007, p. 78).

Vida e morte se entrelaçam durante todo o processo de desenvolvimento vital. Engana-se quem acredita que a morte só é um problema no final da vida. Assim, muitos agem como se a morte não existisse, comportando-se como heróis e não se dão conta de quantos heróis já perderam a vida em busca da tão desejada imortalidade (KOVÁCS, 1992).

Hoje prevalece o medo da morte, medo que pode ser visto como uma mentira vital: tendência humana de reprimir o reconhecimento da sua mortalidade, a negação da morte. O homem molda para si mesmo um mundo governável, ou seja, aceita a programação ditada pela sua cultura, abrindo mão, na maioria das vezes, de sua auten-

ticidade. O heroísmo nada mais é do que um reflexo do terror da morte, pois uma aparência externa forte esconde uma fragilidade interior (BECKER, 2007).

O medo da morte está presente em todos os seres humanos e, em certa medida, é a expressão do instinto de autoconservação, uma forma de proteção à vida. O medo da morte protege o homem dos riscos destrutivos e permite a continuidade dos seus sonhos. Porém, esse mesmo medo pode ser mortal no caso de se tornar exagerado, fazendo com que a pessoa deixe de viver para não morrer. O homem é determinado pela consciência objetiva de sua mortalidade e por uma subjetividade que busca a imortalidade (KOVÁCS, 1992). “A temática da morte está tão imbricada na vida das pessoas que, paradoxalmente, não se percebe a sua presença” (PAULA, 2005 p. 165). Para Kübler-Ross (1998), a morte ainda constitui um acontecimento medonho, um medo universal para o homem, e o que mudou foi seu modo de conviver e lidar com a morte.

A morte na perspectiva filosófica

Há na filosofia três autores existencialistas que defendem distintas visões de morte. Heidegger (2005) descreve a morte como propriedade da própria estrutura essencial da existência. Diz que assim que o homem começa a viver, tem idade suficiente para morrer. Para o autor, a cotidianidade conhece a morte como ocorrência que sempre vem ao encontro, compreendida como algo indeterminado que deve surgir em algum lugar, mas que para si mesmo não é algo constituído, portanto uma ameaça. A presença conhece a certeza da morte, mas escapa do estar-certo, e este escape constitui o ser-para-a-morte impróprio, caracterizando, assim, a morte como impessoal, não tendo a coragem de vivenciar sua angústia, encobrindo a possibilidade mais própria do ser. “O impessoal encobre o que há de característico na certeza da morte, ou seja, o fato de ser possível a cada momento” (HEIDEGGER, 2005, p. 41). O ser-para-a-morte em seu sentido próprio seria aquele que não foge nem encobre o real caráter da morte, pois ela é a possibilidade da impossibilidade, de todo o existir como ser-no-mundo. Essa possibilidade não é aquela que espera pelo homem no fim do caminho, mas aquela que foi lançada desde o seu nascimento. Existir autenticamente consiste em assumir a si próprio diante da morte. Em outras palavras, o ser que consegue encarar a angústia da morte possui um caráter autêntico e se percebe um ser-para-a-morte, assumindo assim sua existência e extrema possibilidade, livrando-se das ilusões do impessoal na liberdade para a morte (HEIDEGGER, 2005).

Para Sartre (1997), a morte revela o caráter absurdo da existência humana, por interromper todo projeto existencial. Nada tem sentido, o homem nasce sem razão, prolonga-se por fraqueza e morre por acaso. Assim, esta perpétua aparição do acaso no âmago dos sonhos da humanidade não pode ser entendida como uma possibilidade pessoal, conforme definia Heidegger, mas sim como a nadificação de todas as possibilidades. A morte é um limite externo e de fato da subjetividade humana. Não é uma possibilidade, nem a plenificação do ser, é uma situação limite e distante de uma escolha. O ser é livre apenas em sua existência, a morte é a negação dessa existência e devolução do ser ao nada. “... a morte jamais é aquilo que dá à vida seu sentido: pelo contrário, é aquilo que, por princípio, suprime da vida toda significação” (SARTRE, 1997, p. 661).

Gabriel Marcel (*apud* MARANHÃO, 1985), um existencialista cristão, coloca que a morte não é um precipício devorador ou um permanente convite para o desespero. Constitui-se em um trampolim de esperança absoluta, um salto sobre o tempo em direção à transcendência. O que circunda o desespero e o constante conflito com a morte é o amor. Amar alguém é o mesmo que dizer a essa pessoa que ela não morrerá, e consentir com a sua finitude é como se estivesse traindo esse amor. Não se morre quando se perde a vida, mas quando se perde a capacidade de amar (*CHAPLIN apud* TAVARES, 2001).

Nessa temática de Marcel, nota-se ser atitude recorrente de muitos enlutados não se dar o direito de criar novas oportunidades de voltar a sorrir, pois significaria que esqueceu ou deixou de amar a quem se perdeu. Ao fazer isso, o indivíduo fecha a possibilidade de demonstrar que também ama a si próprio e que existe um novo caminho a trilhar. Tavares (2001) diz que a capacidade de restauração deve ser compreendida como um ato de coragem e não como deslealdade à pessoa que partiu: "... devemos saber perder aquilo a que estamos mais apegados porque é nessa liberdade que conseguimos amar verdadeiramente" (LELOUP, 1999, p. 70).

Considerações sobre o luto

Diz-se que a experiência do luto nos humaniza. Isso é verdade, ela deita-nos abaixo do nosso pedestal narcísico. Machuca-nos, humilha-nos, lembra que não somos onipotentes, que tudo passa, que tudo muda, que nem sempre teremos ao nosso lado aquele que amamos. E toda essa dor do luto, contra a qual nos defendemos de todas as maneiras possíveis, acaba por abrir um espaço dentro de nós. Um espaço de pobreza e de fecundidade. Um espaço para amar (HENNEZEL, 1999, p. 68).

Kovács (2007) define luto como o processo de elaboração diante da perda de uma pessoa com quem vínculos afetivos muito intensos foram estabelecidos. É uma vivência consciente da morte, como se uma parte daquele que está vivo também morresse. Um vínculo que se rompe de forma irreversível. Segundo Kovács (1992), Bowlby (1985) descreve quatro fases do luto:

1. Fase do choque: é o momento de conhecimento da perda, tem a duração de algumas horas ou semanas e pode vir acompanhada de manifestações de desespero ou de raiva. O indivíduo pode parecer desligado, embora manifeste um nível alto de tensão.
2. Fase de desejo e busca da pessoa perdida: pode durar meses ou anos. Pode estar presente uma raiva e uma tristeza intensa quando há a percepção de que houve realmente uma perda. Ao mesmo tempo, há uma sensação de que tudo não passa de um grande pesadelo. A raiva pode ocorrer quando o enlutado se sente culpado pela morte do outro, e também pela frustração da bus-

ca inútil. A esperança intermitente, o choro que parece não cessar, são manifestações desta fase. Pode haver a sensação de que nada mais tem sentido, que será impossível continuar vivendo sem o outro.

3. Fase de desorganização e desespero: presente quando a perda já é vista como irreversível. É nesta fase que uma depressão reativa pode se manifestar em um processo duradouro.
4. Fase de alguma organização: aqui o enlutado passa a aceitar a morte, constatando que uma nova vida precisa ser começada. Nessa fase de novas buscas, a pessoa perdida nunca é esquecida, apenas lembrada de uma forma diferente; a dor é transformada em saudades. Para Hennezel (1999), amar é aceitar limites e viver é aprender a aceitação do real. A tristeza e o choro podem retornar, tornando o processo de luto gradual e nunca totalmente concluído.

Luto é um processo de enfrentamento da perda e de reorganização do enlutado, que afeta o indivíduo em suas dimensões física, emocional, comportamental, espiritual, cognitiva e social. Implica uma transformação da relação com a pessoa perdida e a possibilidade de continuar vivendo sem aquela pessoa (CASELLATO; FRANCO; MAZORRA; TINOCO, 2009). Segundo os mesmos autores, a possibilidade de elaboração do luto depende de fatores internos e externos ao indivíduo. Assim as reações sentimentais e comportamentais do enlutado diante da perda, que determinarão a vivência do luto normal ou não, vão oscilar dependendo da sua cultura, religiosidade, condições socioeconômicas e familiares.

Bowlby (*apud* KOVÁCS, 1992) diferencia o processo de luto normal do patológico, mais conhecido hoje como luto complicado. A exacerbação dos processos presentes no luto normal, com uma duração muito longa e com características de obsessividade, configura o luto patológico, ou seja, o que determina a complicação do luto é a intensidade, frequência e duração dos sintomas. O luto saudável caracteriza-se pela aceitação da modificação do mundo externo e a consequente modificação do mundo interno. No caso do luto patológico, o enlutado toma sua angústia como caráter irreversível.

Luto não é simplesmente um conjunto de sintomas que se inicia após a perda, e sim, um processo com quadros que se mesclam, podendo afetar, entre outros, o sistema imunológico com grande risco de adoecimento e depressão (PARKES, 1998). Segundo o autor, existem diferentes formas de luto complicado:

– *O luto crônico*: é aquele no qual as reações diante da perda tornam-se manifestações constantes e prolongadas. O autor avalia esse luto como uma desordem de apego: a pessoa se acha tão dona de alguém que sofre antes mesmo de perder a pessoa amada. Existe uma dependência emocional. Nesta condição, o enlutado sente-se incapaz de continuar vivendo sem a pessoa perdida.

– *O luto inibido*: é caracterizado pela ausência de manifestações diante da perda. Ao adiar as reações ao luto, a pessoa não entra em contato com a perda, não havendo assim a elaboração. Frequentemente essas reações aparecerão em situações diante das quais não caberia tal desespero.

Parkes (1998) cita vários fatores que contribuem para a complicação no processo de luto. Um deles é a circunstância da perda. A perda inesperada, como no caso de um

acidente ou suicídio, constitui-se em uma das quais a aceitação é mais difícil, pois se tem a ideia de que poderia ter sido feito algo para adiar tal morte. Outros fatores seriam a baixa autoestima, a relação dependente, a morte de crianças, os problemas sociais, mortes consecutivas, entre outros.

Os ritos mortuários, segundo Assumpção (2006), não são apenas uma oportunidade de preparação para a outra vida, mas são fundamentais para ajudar os enlutados na elaboração do luto e no seu medo da morte. Assumpção (2001) observa que algumas pessoas, por não terem assistido ao sepultamento do seu ente, tem uma disponibilidade maior em criar uma fantasia de que este não morreu, acarretando complicações maiores em sua elaboração. A ausência dos ritos, ocorridas em acidentes em que não encontram o corpo ou até em recalques dos enlutados, apagando de sua consciência qualquer lembrança, é apontada como causa de processos de luto complicado.

Em seu texto de 1915, "Luto e Melancolia", Freud (1996) faz uma riquíssima descrição do luto e o que ele denominou como melancolia, descrito por outros autores como depressão, resultante de um luto não elaborado devido a complicações. De um modo geral Freud definiu luto como a reação à perda de um ente querido, ou a perda de alguma abstração que ocupou o lugar desse objeto amado. Freud diferencia o pensar melancólico do luto. No luto normal, a pessoa supera a perda do objeto e consegue direcionar sua libido a outros objetos. Na melancolia, ao contrário, há um desligamento do mundo e a pessoa perde sua capacidade de direcionar sua libido em outras vertentes. Os sentimentos ligados à pessoa perdida são lançados contra si. Seu próprio eu precisa ser punido, a pessoa passa dessa forma a viver como se estivesse morta. "No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego" (FREUD, 1996, vol. XIV p. 251).

Considerações sobre religião, religiosidade e espiritualidade

Na visão de Freud (1996), as religiões são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa ou interna, que dizem algo que o homem não descobre por si mesmo. São ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. A impressão terrificante de desamparo na infância despertou a necessidade de proteção, a qual foi proporcionada pelo pai. O reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida tornou necessário ancorar-se à existência de um pai mais poderoso. As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, portanto, pode-se chamar uma crença de ilusão quando a realização de desejo constitui fator notável em sua motivação, desprezando assim suas relações com a realidade.

Os homens dão o nome de "Deus" a alguma vaga abstração que criaram pra si mesmos, que lhes ampara frente a sua impotência diante do universo: "... os homens são completamente incapazes de passar sem a consolação da ilusão religiosa [...] sem ela, não poderiam suportar as dificuldades da vida e as crueldades da realidade" (FREUD, 1996, p. 57). Afirma ainda: "... a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade [...]" (FREUD, 1996, p. 52).

Ives Congar, citado por Matos (2009), afirma que a religião coloca as causas das vicissitudes da vida como sendo transcendentais, enfraquecendo a capacidade dos homens de assumir a responsabilidade de lutar pelo seu destino, levando-os ao obscuran-

tismo e à ignorância.

Aspecto importante a ser considerado, neste trabalho, refere-se à distinção entre os conceitos de religiosidade e espiritualidade. A espiritualidade é independente da experiência religiosa e constitui a própria essência do ser humano. Consiste em “dar um passo a mais” na aceitação da própria angústia, na aceitação da incompreensão humana diante do sofrimento, de seus limites e finitude. Religiosidade significa entrar em relação com o que se considera como um absoluto ou um essencial, e estrutura-se em certo número de ritos, práticas, em que essa relação toma forma, quase por somente obrigação, como um hábito (LELOUP, 1999).

Sponville (2007) afirma que toda religião pertence, ao menos em parte, à espiritualidade, mas nem toda espiritualidade é necessariamente religiosa. Leloup e Hennezel (1999) sintetizam a distinção entre espiritualidade e religiosidade, colocando que a primeira faz parte de todo ser que se questiona diante do simples fato de sua existência, e diz respeito à relação que os seres humanos têm com os valores que os transcendem. A segunda refere-se à adesão do indivíduo a um conjunto de crenças e práticas de uma determinada religião. Nesse sentido, pode-se pensar que a religiosidade seria uma das formas possíveis de vivência e expressão da espiritualidade, mas não a única.

Ateísmo

Sponville descreve que tudo se tornou mais verdadeiro e passou a viver mais lucidamente, desde que perdeu a fé e se tornou um ateu: “Era como se eu saísse da infância, dos seus sonhos e medos... como se eu entrasse enfim no mundo real...” (SPONVILLE, 2007, p. 15). Na sua visão, a crença em um Deus talvez decorra da necessidade humana de ter um Deus como uma forma de se consolar, para se tranquilizar, ou simplesmente para dar um sentido às suas vidas. Freud (1996) também diz que “Deus” é uma criação do homem, nascida da necessidade que ele tem de tornar tolerável seu desamparo. Comte-Sponville retoma a questão colocando que muitos se esquecem que essa necessidade de consolo, que todo ser humano tem, é impossível de ser totalmente satisfeita. “Somos prisioneiros da carência” (SPONVILLE, 2007, p. 153).

Um dos papéis mais fundamentais das religiões é tranquilizar os crentes diante da morte. Para os ateus, diante da morte do outro, a revolta parece-lhes mais justa que a prece. O horror, mais verdadeiro que o consolo; a paz, para os ateus, virá mais tarde. O luto não é uma corrida contra o tempo, e sim um trabalho do tempo e da memória, da aceitação e da fidelidade, descreve Sponville.

O autor se posiciona contra o niilismo, descrença completa, e acredita que a humanidade pode viver sem religião, sem acreditar em um Deus, mas não pode viver sem fidelidade. A fidelidade à humanidade e ao dever de humanidade é o que Sponville chama de humanismo prático, que não é uma religião e, sim, uma moral. Para o autor o que constitui o valor de uma vida humana não é a fé, mas a quantidade de amor e de justiça de que se é capaz. Feurbach (*apud* MATTOS, 2009) afirma que apenas o ateu é verdadeiramente bom. É dever do humanismo abrir mão das ilusões de uma vida eterna para se dedicar à vida real, buscando a felicidade limitada na medida que o homem possa alcançar. A felicidade não é para ser esperada, mas para ser vivida, aqui e agora! Isso não anula o trágico. O pensamento contrário, de que a felicidade ainda estar por

vir em um outro mundo que pelo homem espera, fará com que esse nunca viva, mas espere para viver. “Não esperemos ser salvos para ser humanos” (SPONVILLE, 2007, p. 67).

Sponville diferencia o agnóstico de um ateu: o ateu acredita que Deus não existe, o agnóstico, não acredita que Deus existe ou não existe. O agnóstico se recusa a dar uma resposta terminante ou se reconhece incapaz de dá-la, enfim ele defende uma espécie de neutralidade. Ser ateu não é negar a existência do absoluto, é negar a sua transcendência, é negar que esse absoluto seja Deus. Deus não é um teorema, não se trata de prová-lo, nem de demonstrá-lo, mas de crer ou não nele. “Se a fé excede toda razão, como saber em que se crê?” (SPONVILLE, 2007, p. 101).

Para Lacan (*apud* MATTOS, 2009), ao contrário de Sponville, o ateu não é aquele que nega a existência de um Deus: isso não basta, é preciso negar a presença de uma onipotência no mundo. O verdadeiro ateu é aquele que consegue eliminar a fantasia de um sobrenatural.

3. Metodologia

Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que visa trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis e quantificações (MINAYO, 2006). Segundo Eizirik (2003), é importante realizar uma pesquisa qualitativa porque se trata de uma visão de mundo e de ciência que não aceita a dicotomia entre objetivo e subjetivo. Essa polaridade é empobrecedora para a produção de conhecimento.

Amostra

Ser maior de 18 anos, estar passando por um processo de luto significativo no período de três meses a três anos de perda e formalizar sua concordância em participar por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, foram os critérios de inclusão estabelecidos para os participantes da pesquisa. Foram entrevistados católicos, evangélicos, espíritas, ateus e agnósticos, somando um total de 13 sujeitos entrevistados: seis mulheres e sete homens de diferentes idades e condições sociais.

Instrumentos

– Questionário padronizado para caracterização da população estudada, por meio do qual se obtiveram dados sobre a escolaridade, renda, religião, tempo de vivência do luto. Foi também investigada a percepção que o participante tinha de sua saúde e se fazia uso de algum medicamento.

– Entrevista semiestruturada, criada pela autora do presente estudo que visava dar voz aos sentimentos, percepções e sentidos que os enlutados construíram a respeito

da morte. A modalidade de entrevista semiestruturada obedece a um roteiro flexível que dá suporte ao pesquisador. A entrevista facilita a abordagem e assegura ao pesquisador que seus pressupostos serão cobertos durante a conversa. É importante analisar não só os temas previamente estabelecidos, mas também explorar as estruturas de relevância dos entrevistados trazidas do campo (MINAYO, 2006).

Procedimentos

A coleta de dados foi feita por meio do contato direto com cada participante, por conhecimento do próprio pesquisador e por indicações em cascata: um sujeito indica outro. O primeiro contato foi estabelecido por telefone. Após a explicação dos objetivos da pesquisa e o consentimento dos sujeitos em dela participar, foram agendados lugares e horários para sua realização sempre respeitando a conveniência e privacidade dos sujeitos.

No primeiro contato pessoal, foi pedido que o sujeito assinasse um termo de consentimento livre e esclarecido da sua participação na pesquisa. Em seguida, foi solicitado que preenchesse o questionário de caracterização da população. A entrevista semiestruturada foi realizada em seguida mantendo um diálogo de perguntas e respostas entre o entrevistador e o entrevistado.

Para análise dos dados foi utilizada a metodologia da análise de conteúdo e seguidas as etapas propostas por Spink (2004), para estudos de representações sociais que inclui a imersão no conjunto das informações coletadas, procurando deixar aflorar os sentidos, seguindo-se uma etapa de elaboração de categorias de análise. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os dados foram agrupados nos seguintes núcleos temáticos: visão da morte; reconhecimento e elaboração da perda; estratégias utilizadas no enfrentamento do luto; percepção de mudanças na própria vida em decorrência da perda e sinais de luto complicado e/ou sintomas ligados ao luto. Foi feita a comparação entre as respostas dos sujeitos ateus e portadores de uma crença religiosa. Os resultados foram discutidos por meio do diálogo entre as reflexões da aluna pesquisadora, relativas às respostas dos participantes e à literatura da área.

4. Discussão dos resultados

Categorias de análise dos sujeitos entrevistados:

Visões da morte

Quando foi solicitado aos participantes que definissem com suas palavras o que era morte, respostas distintas foram obtidas, segundo suas crenças. Os participantes que têm uma crença religiosa acreditam que a morte é uma passagem deste mundo para um mundo espiritual:

“A morte pra mim existe a morte física, o espírito ele é eterno, o espírito ele não morre. O espírito vai para o plano espiritual... depois ele reencarna” (P12; espírita).

“... a Bíblia nos garante que há uma vida eterna em espírito com Deus, para aqueles que em sua vida terrena resolveram seguir esse caminho... morte eterna, para aqueles que abriram mão desse convívio, desses princípios de Deus...” (P7; evangélico).

“... Acho que morte a gente volta para a nossa primeira casa... vai para o encontro dos nossos parentes, nossos entes queridos... Morte seria você ir para uma outra vida” (P8; católico).

Para Bigheto e Incontri (2007), a religião desempenha um papel fundamental na sociedade e cultura do indivíduo, funcionando como guardião de valores e preconceitos estabelecidos e interpretados pelo homem em suas vivências. A crença religiosa é um meio importante para que o indivíduo, que professa uma religião, possa construir um significado em torno do vazio deixado pela morte do ente querido. Porém, alguns entrevistados, mesmo tendo consciência dos princípios de sua religião, mostram que ela foi insuficiente diante do rompimento do vínculo:

“... Morte é perda, é destruição de sonhos... no momento é o fim de tudo. O fim da pessoa que foi e morre um pouco da gente também que fica aqui, [choro] porque nunca mais é igual... Para mim a religião não teve nenhum papel de ajuda, nenhum” (P1; evangélica).

Segundo Sartre (1997), a morte é uma aparição do acaso e revela o caráter absurdo da existência humana, por interromper todo projeto, todos os sonhos existenciais. P13 (católica) confirma essa visão ao relatar:

“... a morte pra mim é o fim de tudo, é um barco que naufraga e leva tudo, deixando simplesmente a dor... Hoje eu sei que morte não escolhe porta, nem pergunta se pode entrar, ela simplesmente chega e leva [choro] sem se quer saber o estrago que ela faz...”.

Para os céticos em Deus, a morte é simplesmente o cessar da existência, o fim do funcionamento biológico. Não acreditam que o homem tenha espírito nem acreditam em vida após a morte:

“A morte pra mim é o fim... é o cessamento biológico do ser humano. Eu não acredito que nós humanos tenhamos espírito...” (P2; ateu).

“... é um percurso natural do qual qualquer ser vivo tem que passar por ele (...) é você voltar pro universo... pro inorgânico...” (P11; agnóstico).

Comte-Sponville (2007) diz que para os ateus, ter medo da morte é ter medo do nada, pois eles se reconhecem como mortais e fazem um esforço para domar o nada.

Reconhecimento e elaboração da perda

Os sujeitos que se declararam ateus, agnósticos ou espíritas pareceram reconhecer e elaborar a perda de forma mais tranquila do que os demais participantes.

“Eu não cheguei a sofrer a ponto de abandonar outros setores da minha vida... lembro dele com muita alegria... com uma saudade de orgulho de ter tido ele como pai...” (P11; agnóstico).

“... a gente sente a dor naquele momento, mas procuramos não ficar bitolados na perda... era somente esse espaço de tempo que o espírito precisava ficar na terra... ao invés de chorarmos a morte, deveríamos dar uma festa” (P4; espírita).

Entre os demais religiosos, apenas um participante evangélico relatou estar tranquilo e demonstrou que sua crença foi suficiente na construção de um sentido para a perda:

“... Sinto a sensação de perda que foi meu pai, mas por outro lado eu estava bem confortável em relação a isso... não fiz escândalo, morreu? Morreu, que bom que foi na presença de Deus” (P7; evangélico).

Entre os que demonstraram dificuldades no processo de elaboração do luto, foi possível observar o comportamento de busca pela pessoa perdida, característico dos estágios iniciais dessa vivência, como descrito por Bowlby (1985), citado por Kovács (1992).

“... você não quer acreditar que perdeu, mas não tem mais a pessoa, às vezes eu acordava cedo e corria lá no quarto para ver se ela tava, mas ela não tava lá mais” (P1; evangélica).

“... [choro] eu tenho a sensação de que eu vou ta na rua e vou encontrar ele em alguma criança, eu vou encontrar ele em algum lugar...” (P13; católica).

Em todas as entrevistas, ficaram evidentes os sentimentos de choque, negação e revolta, características do processo de perda (KÜBLER-ROSS, 1998):

“... foi um choque... na hora não chegava nem a, talvez não seria acreditar, mas entender o que era aquilo tudo... Não cai a ficha...” (P6; ateu).

“Fiquei com raiva de Deus pela perda dela eu não conformava... foi muito triste... O fato é que na verdade a gente não quer acreditar que a pessoa morreu...” (P1; evangélica).

De acordo com Parkes (1998), negar a morte é um mecanismo de defesa utilizado pelos enlutados com a finalidade de minimizar a dor da perda, afastando momentaneamente a ansiedade de separação e sua impotência diante da morte. Embora todos esses sentimentos sejam componentes de um luto normal, eles podem ter um papel significativo na entrada em um luto patológico.

Os ateus e um agnóstico mostraram, de modo interessante, que, após a morte de seus entes, a preocupação maior não foi a perda, e sim os vivos com quem mantinham um vínculo afetivo:

“... a única coisa que eu posso fazer é dedicar um pouquinho mais aos que sobraram” (P6; ateu).

“... a primeira ação que eu tive efetivamente foi olhar pra minha mãe e ver o que tava acontecendo com ela...” (P3; agnóstico).

Estratégias utilizadas no enfrentamento do luto

Alguns dos participantes religiosos destacaram sua crença como estratégia utilizada diante do processo de elaboração do luto:

“É a esperança que um dia eu vou ver meu pai de novo, porque é uma promessa que tá na Bíblia. (...)” (P7; evangélico).

“Eu acho que a credibilidade no que a gente se propôs a Deus, no que a doutrina realmente me fez enxergar...” (P4; espírita).

Continuar vivendo a vida, investir em outras relações, lembrar-se de coisas boas, realizar atividades que seus entes queridos valorizavam e resguardar os valores morais transmitidos por eles, foram estratégias citadas por muitos entrevistados, tanto pelos religiosos, quanto pelos ateus ou agnósticos. De acordo com Kovács (1992), durante o processo de luto, podem ocorrer identificações com o morto: o enlutado pode começar a fazer coisas de que o outro gostava.

“... Quando eu penso nela eu pego um caderno e vou estudar... então é fazer as coisas que ela gostava que a gente fizesse...” (P8; católico).

“Vou tentar seguir os ensinamentos dele, acredito que ele não ia gostar se estivesse aqui, que eu parasse de viver por causa disso...” (P3; agnóstico).

“... Eu faço trabalhos voluntários, que ajuda muito, que era trabalho que nós dois fazíamos juntos, agora eu faço o meu e o dela” (P12; espírita).

“... eu procuro viver melhor, aproveitar mais a vida, aproveitar mais as pessoas... procuro lembrar de coisas boas...” (P2; ateu).

Um ateu e um agnóstico descrevem que, devido ao fato de não acreditarem em uma vida após a morte, a elaboração do seu luto lhes parece mais complicada:

“... a minha não-crença talvez para se enfrentar seja um pouquinho mais forte, você vai saber que nunca mais vai ver aquela pessoa... a única coisa que me resta é memória, mais nada...” (P6; ateu).

“... seria muito mais confortável se eu tivesse uma crença firme em Deus... você projeta essa responsabilidade da morte e a culpa pra Deus [...] eu sou responsável por elaborar esse processo...” (P11; agnóstico).

Em contrapartida, dois participantes do grupo de ateus e agnósticos têm uma visão distinta: para um deles, sua descrença, ao contrário de dificultar, é fator facilitador no processo de lidar com a perda. Para o outro, o que mais influencia não é a religião, e sim, a história pessoal de cada um.

“... Eu acho que minha posição ateísta me dá uma visão mais racional, mas que nem por isso prejudica o processo de viver, eu acho que eu vivo melhor inclusive. Já que eu não acredito em vida após a morte... eu tenho que aproveitar essa vida que eu tenho da melhor maneira possível” (P2; ateu).

A ilusão do prosseguimento da vida de outra forma não é necessária ao ateu ou ao agnóstico. Nas palavras de Sponville (2007, p. 17): “A morte levará tudo, até as angústias que ela lhes inspira. A vida terrestre lhes importa mais, e lhes basta”.

Alguns participantes se afastaram de suas religiões, outros se aproximaram mais ainda:

“... eu fiz foi me afastar, eu me afastei e até hoje eu não voltei” (P1; evangélica).

“... passei a fazer um uso maior sobre a Bíblia...” (P13; católica).

Percepção de mudanças na própria vida em decorrência da perda

Para alguns participantes a morte do ente querido representou mudanças em suas posições subjetivas diante da vida:

“Bem maduro, se eu não tivesse perdido meu pai, meu irmão, eu não seria a pessoa que eu sou hoje. Eu dou muito mais valor à vida... eu sempre olhei pra uma perda como um aprendizado...” (P11; agnóstico).

“Eu fiquei mais humilde em relação à morte... eu aprendi, por exemplo, que em velório você não fala nada, você abraça... aprendi também a respeitar mais o sofrimento dos outros” (P2; ateu).

“... expressar aquilo que eu tô sentindo, ou seja, demonstrar mais afeto, mais carinho... Que só em vida que a gente pode fazer isso” (P7; evangélico).

Hennezel (1999) diz que a vivência do luto humaniza o homem, pois o deita abaixo do seu pedestal narcísico e lembra-lhe que não é onipotente. De acordo com Parkes (1998), a dor do luto é o preço que se paga pelo amor, o preço do compromisso. Negar a finitude da pessoa que ama é cegar-se emocionalmente.

“... você tem essa certeza de que tudo um dia acaba, principalmente as pessoas que você ama... Hoje eu tô diferente... não sei se mais triste, se vendo o mundo com menos cor, menos beleza...” (P1; evangélica).

A adoção de uma nova crença religiosa como um meio de superação foi também apontada:

“... não me considero ainda uma pessoa espírita, mas é uma doutrina que tem me dado muito conforto nessa questão de perda [sic], uma aceitação maior vamos dizer assim” (P9; católica).

Sentimento de desolação, desesperança e a constatação de que a crença religiosa não foi suficiente para superar a perda do filho, foram apontados por uma participante:

“... essa perda [sic], ela me transformou, eu não sou a mesma, eu não me conheço... Eu me sinto muito perdida, sem rumo, vazia, inútil eu acho que é a palavra certa” (P13; católica).

Segundo Parkes (1998), a maneira como o enlutado enfrentará o desafio das mudanças em sua vida determinará não apenas sua visão de mundo, mas também sua visão acerca de si mesmo.

A fala da participante citada acima remete ao que Freud (1996) definiu como melancólico, o enlutado que se desliga do mundo real tornando seu ego pobre e vazio.

Sinais de luto complicado e/ou sintomas ligados ao luto

O luto é um processo e não um estado, um processo gradual e nunca totalmente concluído. O que determina o luto complicado é a exacerbação dos processos presentes no luto normal (BOWLBY *apud* KOVÁCS, 1992). Os entrevistados apresentaram sentimentos de raiva e revolta, sintomas psicossomáticos, depressão e até mesmo doenças graves:

“Eu fiquei adoentada, porque eu realmente não aceitava a perda dela... entrei em depres-

são... tomei remédios, me afastei do trabalho... tomei raiva do mundo...” (P1; evangélica).

“... perdi toda a pele do corpo... inchei demais por causa dos medicamentos, fiquei internada muito tempo, disseram que eu tinha dado psoríase, fogo selvagem e lúpus...” (P13; católica).

A participante P13 (católica) mostrou passar por muitos dos fatores citados por Parkes (1998), que contribuem para uma maior dificuldade e complicações no processo de luto. São fatores como a perda do filho ainda criança em acidente, caracterizando uma morte inesperada, mortes consecutivas, ou o esquecimento de ter estado no velório, mesmo estando presente, denotando ter realizado um processo de recalque de todo aquele momento. Diante dessas complicações pode-se evidenciar a presença de um processo de luto não elaborado ou complicado em suas falas:

“Luto pra mim é viver num mundo sem expectativa, sem sonhos, luto é não ver mais sentido em nada, não ver cor em nada... Luto pra mim é morrer e ter que continuar aqui nesse mundo perambulando...” (P13; católica).

Parkes ainda diz que pelo fato de estarmos em uma sociedade com baixa expectativa para morte de crianças e por haver uma inversão da sequência natural da vida, em que normalmente filhos enterram seus pais, tende-se a estar menos preparado para aceitar a morte de uma criança ou jovem.

“... por eu não ter visto ele (choro) eu tenho a sensação de que eu vou ta na rua e vou encontrar ele em alguma criança...” (P13; católica).

Nota-se como o tempo vivenciado pelo enlutado foge do tempo cronológico: segundo Parkes (1998), no início de um luto, o mundo se torna um caos e, posteriormente, o enlutado pode ter a sensação de perda de si mesmo:

“... aquela de três anos atrás não existe mais. Ela foi enterrada junto com o D. e [choro] hoje eu sou isso aqui... Eu sei que a gente tem que orar e vigiar... não vigiei, é onde eu me culpo...” (P13; católica).

A identificação do enlutado com o morto, durante o processo do luto, evidencia-se por meio de sintomas que seu ente querido manifestava antes da morte (KOVÁCS, 1992).

“... meu pai morreu de problema de coração, então eu tenho desenvolvido sintomas de taquicardia, sensações de que eu estou tendo infarto...” (P11; agnóstico).

Os ateus, espíritas e os dois evangélicos, que se mostraram fiéis às suas crenças, não apresentaram nenhum sinal de luto complicado e/ou sintomas ligados ao luto. Contudo, religião não é um porto seguro suficiente diante da morte, parecendo ser mais relevante a capacidade psíquica de elaborar, de construir um significado diante da perda.

Para Bowlby (*apud*, GUARNIERI, 2001), as práticas culturais não podem definir o curso de um processo de luto. As predisposições internas do indivíduo, o grupo familiar e os amigos têm uma função mais destacada. Guarnieri (2001) afirma que não é necessariamente função da religião aliviar a dor, mas ela sem dúvida permite a abertura de um espaço para reflexões sobre vida e morte, porém um espaço que não é restrito somente à religião. Outras vertentes do saber humano podem funcionar como um meio de construção de novos significados diante do vazio deixado pela perda.

Caracterização dos participantes entrevistados:

<i>PARTICIPANTES</i>	<i>SEXO</i>	<i>IDADE</i>	<i>ESCOLARIDADE</i>	<i>TEMPO DE PERDA</i>	<i>ENTE QUERIDO</i>
P 1	Feminino	41	Pós-graduado/ mestrado	1 ano a 2 anos	Mãe
P 2	Masculino	36	Pós-graduado/ mestrado	2 anos a 3 anos	Avó
P 3	Masculino	21	Ensino superior incompleto	2 anos a 3 anos	Pai
P 4	Feminino	42	1º ao 3º ano	2 anos a 3 anos	Neta
P 5	Feminino	59	1ª à 4ª série	2 anos a 3 anos	Irmão
P 6	Masculino	20	Ensino superior incompleto	3 a 6 meses	Amigo
P 7	Masculino	41	1º ao 3º ano	2 anos a 3 anos	Pai
P 8	Masculino	21	1º ao 3º ano	3 a 6 meses	Mãe
P 9	Feminino	43	1º ao 3º ano	1 ano a 2 anos	Esposo
P 10	Feminino	21	Ensino superior incompleto	6 meses a 1 ano	Mãe
P 11	Masculino	24	Ensino superior incompleto	2 anos a 3 anos	Pai
P 12	Masculino	61	1º ao 3º ano	6 meses a 1 ano	Esposa
P 13	Feminino	42	5ª à 8ª série	2 anos a 3 anos	Filho

5. Considerações finais

Diferentes conceitos e atitudes diante da morte foram observados e a religião mostrou desempenhar um papel relevante na elaboração do luto, mas, em muitos relatos, insuficiente para facilitar a aceitação e a vivência do enlutado. Aceitação foi uma

reação encontrada nos participantes religiosos ou não, mostrando que a religião não é o único espaço de reflexão que constitui um suporte subjetivo.

Heidegger (2005) defende que a cotidianidade tem consciência da ocorrência da morte, mas quando vista para si mesma não é algo certo, tornando-se uma ameaça. Nessa ótica, foi possível observar o quanto a morte surpreende. Na contemporaneidade, o homem não é ensinado a perder; ao contrário, vive em busca incessante de prazer e estabelece relações líquidas e hedonistas, esquecendo que pessoas não são objetos, posses.

Nota-se que estudar a morte leva o homem a viver melhor e a se perceber como um ser-para-a-morte, na visão de Heidegger (2005), pois quando se dá conta da simplicidade e fragilidade que pode ser a vida, é que se pode ver o que realmente importa. É preciso aprender a deixar ir, porque o laço do amor é eterno (GUARNIERI, 2001).

A educação para a morte deveria fazer parte do processo educativo, da mesma forma que se observa hoje a educação sexual inserida no ensino fundamental e médio.

Devido à delimitação do tempo de formulação do atual estudo, é relevante abrir um espaço para a continuidade e ampliação das redes de investigações sobre a área contemplada.

Referências

ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BECKER, E. *A negação da morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 363p.

BIGHETO, A. C.; INCONTRI, D. A religiosidade humana, a educação e a morte, in: INCONTRI, D.; SANTOS, F. S. *A arte de morrer: visões plurais*. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2007, v. 1, cap. 2, p. 26-35.

CASELLATO, G.; FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L.; TINOCO, V. Luto complicado: considerações para prática, in: SANTOS, F. S. *A arte de morrer: visões plurais*. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2009, v. 2, cap. 6, p. 85-91.

COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. 191p.

D'ASSUMPÇÃO, E. A. *Dizendo adeus: como viver o luto, para superá-lo*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001. 79p.

_____. *O infortúnio entrou em minha casa: convivendo com a doença e com pessoas gravemente enfermas*. Belo Horizonte: FUMARC, 2007. 87p.

EIZIRIK, M. F. Por que fazer pesquisa qualitativa? *Revistas Brasileiras de Psicoterapia*, v. 5, n. 1, p. 19-32, set. 2003.

FREUD, S. Luto e melancolia, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 14.

_____. O futuro de uma ilusão, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 21.

GUARNIERI, M. C. M. *Morte no corpo, Vida no espírito: o processo de luto na prática espírita da psicografia*. 2001. 141p. Dissertação (mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* – parte II. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 262p.

HENNEZEL, M. de; LELOUP, J. Y. *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 143p.

KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. 253p.

KOVÁCS, M. J. Perdas e processo de luto, in: INCONTRI, D.; SANTOS, F. S. *A arte de morrer: visões plurais*. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2007, v. 1, cap. 22, p. 217-238.

KUBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes*. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 296p.

MARANHÃO, Jose Luiz de Souza. *O que é morte*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 77p.

MATTO, S. E. C. de. Ateísmo e psicanálise, necessidade ou contingência?, *Revista Estudos Lacanianos*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 1-26, maio. 2009.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006. 406p.

PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998. 290p.

PAULA, B. de. A contribuição do consolo religioso na elaboração do luto. *Revista Caminhando*, v. 10, n. 2, p. 162-172, dez. 2005.

SARTER, J-P. *O ser o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 782p.

SPINK, M. J. P. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação, in: SPINK, M. J. P. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004, cap. 4, p. 93-122.

TAVARES, G. R. *Do luto à luta*. Belo Horizonte: Casa de Minas, 2001. 207p.